

Somente Jesus



H O R A T I U S B O N A R



Horatius Bonar

Somente Jesus

1ª edição

Editora Gratia
2024

Título original: Jesus only (1808 – 1889).



Copyright © 2024 por Editora Gratia.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Gratia.

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.



Autor: Horatius Bonar

Tradução: Fabrício Guimarães

Publisher: Editora Gratia

Editor: Saulo de Tarso

Produção editorial e preparação: Carlos Lima

Revisão: Larissa Lima

Diagramação: Carlos Lima

Capa e Projeto gráfico: João Almeida

Produção de ebook: Editora Gratia



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BONAR, H. Somente Jesus / Horatius Bonar – Traduzido por Fabrício Guimarães— 1.ed. – GO. Editora Gratia, 2024.
14 x 21 cm.

1. Filosofia. 2. Biografia. 3. Teologia.

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia: Teologia.

SOBRE O AUTOR

Horatius Bonar foi um destacado ministro, teólogo e autor escocês do século XIX, nascido em 19 de dezembro de 1808 em Edimburgo, Escócia. Ele é amplamente reconhecido por sua profunda contribuição à literatura cristã e à música sacra, tendo escrito numerosos hinos que continuam a ser cantados em igrejas ao redor do mundo. Bonar era parte da Igreja Livre da Escócia, um movimento que surgiu da Igreja da Escócia em 1843, durante a chamada "Disruption" (Disrupção), uma separação significativa devido a questões de autonomia e liberdade espiritual.

Bonar estudou na Universidade de Edimburgo, onde formou-se em teologia. Após sua ordenação em 1837, ele serviu como ministro em Kelso, onde passou grande parte de sua vida pastoral. Foi durante esse tempo que ele começou a compor hinos, muitos dos quais foram inspirados por sua profunda piedade pessoal e compromisso com a evangelização.

Um dos aspectos mais notáveis da obra de Horatius Bonar foi sua habilidade de comunicar verdades teológicas profundas de maneira acessível e emocionalmente ressonante através de seus hinos. Entre suas composições mais conhecidas estão "I Heard the Voice of Jesus Say" e "Blessing and Honor and Glory and Power." Esses hinos não apenas enriqueceram a adoração congregacional, mas também serviram como um meio de ensino e reflexão espiritual.

Além de seu trabalho como hinógrafo, Bonar foi um prolífico escritor de tratados, sermões e livros devocionais. Ele abordou temas variados, desde a santidade pessoal até a expectativa da segunda vinda de Cristo. Sua obra "The Everlasting Righteousness" é particularmente notável, onde ele explora a doutrina da justificação pela fé com clareza e convicção.

Bonar também foi um firme defensor do movimento missionário, acreditando na importância de levar o evangelho a todas as nações. Ele apoiou ativamente várias iniciativas missionárias e encorajou sua congregação e colegas a se envolverem na missão global.

A importância de Horatius Bonar reside não apenas em suas contribuições literárias e musicais, mas também em seu exemplo de vida dedicada ao serviço de Deus e à disseminação do evangelho. Sua obra continua a influenciar e inspirar cristãos ao redor do mundo, refletindo sua profunda fé e amor pela igreja. Bonar faleceu em 31 de julho de 1889, deixando um legado duradouro que ainda ressoa na música e na literatura cristã contemporânea.

"Mas, àquele que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça."

Romanos 4:5

INTRODUÇÃO

Parece que muitos em nossos dias estão buscando a Deus. No entanto, parecem estar apenas tateando em Sua direção, tentando encontrá-Lo, como se Ele fosse um Deus distante ou desconhecido. Esquecem que Ele “não está longe de cada um de nós” (Atos 17:27), pois “nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (v. 28).

Que Ele não está longe; que Ele desceu; que Ele se aproximou: este é o “princípio do evangelho” (Marcos 1:1). Isso invalida os pensamentos vãos daqueles que acham que devem trazê-Lo para perto por meio de suas orações e práticas devotas. Ele se revelou a nós para que possamos conhecê-Lo, e, ao conhecê-Lo, encontrar a vida de nossas almas.

Alguns têm tentado dar direções aos pecadores sobre “como se converter”, multiplicando palavras sem sabedoria, desviando o pecador da Cruz ao colocá-lo para agir, em vez de crer. Nossa tarefa não é dar tais direções, mas, como fizeram os apóstolos, pregar Cristo crucificado, um Salvador presente e uma salvação presente. Então, os pecadores são convertidos, como o próprio Senhor disse: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (João 12:32).

1 | NENHUMA SATISFAÇÃO EM SI MESMO

Você diz: "Não estou satisfeito com os motivos que me levaram a buscar Cristo; eles são egoístas." Isso é muito provável. Os sentimentos de um pecador recém-desperto não são desinteressados, nem podem ser.

Você procurou a salvação por causa de um senso de perigo, medo da ira vindoura ou desejo de obter a herança da glória. Esses são alguns dos motivos que o têm impulsionado. Como poderia ser de outra forma? Deus o criou com esses medos e esperanças, e Ele apela a eles em Sua Palavra. Quando Ele diz: "Convertei-vos, convertei-vos... pois por que morrereis?" (Ezequiel 33:11), Ele está apelando aos seus medos. Quando Ele coloca diante de você a vida eterna e as alegrias de um reino sem fim, Ele está apelando às suas esperanças. E quando Ele apresenta esses motivos, Ele espera que você seja movido por eles. Agir com base em tais motivos, então, não pode estar errado. De fato, não agir com base neles seria endurecer-se contra os apelos mais solenes de Deus.

"Assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens" (2 Coríntios 5:11), diz Paulo. Não pode ser errado ser influenciado por esse temor. "O restante ficou aterrado e deu glória ao Deus do céu" (Apocalipse 11:13). Certamente isso não estava errado. A Bíblia inteira está repleta de tais motivos, dirigidos às nossas esperanças e medos. Quando foi diferente? Entre os milhões que encontraram vida em Cristo, quem começou de outra forma ou com um motivo puramente desinteressado? Não foi assim que o carcereiro em Filipos começou, quando o terremoto abalou sua alma e trouxe à sua consciência a eterna desgraça? Não foi o senso de perigo e o medo da ira que o fez perguntar: "O que devo fazer para ser salvo?" (Atos 16:30). E o apóstolo o repreendeu por isso? Recusou-se a responder à sua pergunta ansiosa porque seu motivo era egoísta? Não. Ele respondeu imediatamente: "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo" (v. 31).

Não há nada de errado nesses motivos. Quando meu corpo está em dor, não é errado desejar alívio. Quando sou acometido por uma enfermidade, não é errado chamar um médico. Você pode chamar isso de egoísmo, mas é um egoísmo certo e legítimo, que Aquele que nos fez como somos e que nos deu nossos instintos espera que nós ajamos; e ao agir assim, podemos contar com Sua bênção, não com Sua repreensão. Não é errado temer o inferno, desejar o céu, fugir dos tormentos, anelar pela bem-aventurança, evitar a condenação e desejar o perdão. Não é errado amar a Deus pelo que Ele fez por nós. Não fazê-lo seria a própria baixeza da ingratidão. Amar a Deus puramente pelo que Ele é, é falado por alguns como o mais alto tipo de amor, no qual não entra nenhum elemento de interesse próprio. Não é assim. Pois, nesse caso, você é motivado pelo prazer de amar; e esse prazer de amar um Ser infinitamente amável e glorioso necessariamente introduz o interesse próprio. Além disso, dizer que devemos amar a Deus apenas pelo que Ele é, e não pelo que Ele fez, é fazer da ingratidão um elemento essencial do amor puro. O amor de Davi se manifestou em não esquecer os benefícios de Deus (Salmo 103:2).

Mas esse assim chamado “amor puro” vai além do de Davi, e considera ser um dever não ser grato, para que, porventura, algum elemento egoísta se misture à sua pureza sobre-humana e superangélica. Que Satanás, então, não te engane com tais pensamentos tolos, cuja tendência é extinguir todo desejo sério sob o pretexto de não ser desinteressado e perfeito.

Você pensa que, se estivesse buscando a salvação com o objetivo de glorificar a Deus, estaria satisfeito. Mas o que isso significa, senão que, logo no início, antes mesmo de ter vindo a Cristo, você deveria ser movido pelo mais elevado de todos os motivos? Aquele que aprendeu a buscar a glória de Deus é alguém que já veio a Cristo; e aquele que aprendeu a fazer isso plenamente não é pecador de forma alguma, e, portanto, não precisa de Cristo. Buscar a glória de Deus é uma alta conquista da fé; no entanto, você quer estar consciente de possuí-la antes mesmo de ter fé; ou melhor, para obter a fé! É possível que você esteja se iludindo com a ideia de que, se apenas conseguisse essa qualificação, poderia esperar com confiança que Deus lhe daria fé? Isso seria substituir o seu próprio zelo pela glória de Deus pela Cruz de Cristo.

Não se afaste de Cristo com a ideia de que deve vir a Ele em uma condição desinteressada e com um motivo altruísta. Se você estivesse certo nisso, quem poderia ser salvo? Você deve vir como está, com todos os seus maus motivos, sejam quais forem. Pegue todos os seus maus motivos, adicione-os ao número dos seus pecados e traga-os ao altar onde o grande Sacrifício está. Vá ao Trono da Graça. Diga ao Sumo Sacerdote que está lá, não o que você deseja ser, não o que você deveria ser, mas o que você é. Diga-lhe a verdade honesta sobre sua condição neste momento. Confesse a impureza dos seus motivos, todo o mal que você sente ou que não sente, sua dureza de coração, sua cegueira, sua falta de ensinabilidade. Confesse tudo sem reservas. Ele quer que você venha a Ele exatamente como você está, e não que alimente a vã ideia de que, com um pouco de espera, trabalho ou oração, você pode se tornar apto ou persuadi-Lo a torná-lo apto. “Quão razoável,” escreve alguém, “que devêssemos simplesmente fazer aquele pequeno ato que Deus requer de nós—ir e dizer a verdade a Ele. Eu costumava ir e dizer: Senhor, sou um pecador, tem misericórdia de mim; mas como eu não sentia tudo isso, comecei a perceber que estava levando uma mentira em minhas mãos, tentando persuadir o Todo-Poderoso de que eu sentia coisas que não sentia. Essas orações e confissões não me trouxeram conforto, nenhuma resposta; então, finalmente, mudei meu tom e comecei a dizer a verdade: Senhor, eu não me sinto um pecador; eu não sinto que preciso de misericórdia. Agora, tudo estava certo; a mais doce recepção, os mais amorosos encorajamentos, as mais refrescantes respostas essa confissão da verdade trouxe do céu. Eu não consegui nada ao me declarar um pecador, pois não sentia isso; mas obtive tudo ao confessar que não me via como um.”

"Mas eu não estou satisfeito com a minha fé," você diz. Não, de fato. E provavelmente você nunca estará. Pelo menos, eu espero que não. Se você espera por isso antes de ter paz, você esperará até que a vida termine. Parece que você quer acreditar em sua própria fé para obter descanso para sua alma. A Bíblia não diz: “Estando satisfeitos com nossa fé, temos paz com Deus,” mas sim: “Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus” (Romanos 5:1); e entre essas duas coisas há uma grande diferença.

Satisfação com Jesus e Sua obra, não satisfação com sua própria fé, é o que Deus espera de você. "Estou satisfeito com Cristo," você diz. Está mesmo? Então você é um homem crente; e

o que mais você deseja? A satisfação com Cristo não é suficiente para você ou para qualquer pecador? E essa não é a forma mais verdadeira de fé? Estar satisfeito com Cristo é ter fé em Cristo. Estar satisfeito com Seu sangue é ter fé em Seu sangue. Não se confunda, nem permita que outros o confundam. Esteja certo de que a própria essência da fé é estar satisfeito com Cristo e Sua obra de levar o pecado. Não faça mais perguntas sobre fé, mas siga seu caminho com alegria, como alguém para quem Cristo é tudo.

Lembre-se das palavras do Batista: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (João 3:30). O eu, em todas as suas formas, deve diminuir, e Cristo deve crescer. Tornar-se satisfeito com sua fé pareceria como se você estivesse insatisfeito com Cristo. O começo, o meio e o fim do seu caminho devem ser a insatisfação consigo mesmo e a satisfação com Cristo. Contentar-se em estar satisfeito com o glorioso Objeto da fé, e deixar que a própria fé seja esquecida. A fé, por mais perfeita que seja, nada tem a lhe dar. Ela aponta para Jesus. Ela lhe pede que desvie o olhar de si mesma para Ele. Ela diz: “Cristo é tudo” (Colossenses 3:11). Ela lhe pede que olhe para Aquele que diz: “Olhai para mim” (Isaías 45:22); que diz: “Não temas; eu sou o primeiro e o último; e o que vivo, fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre” (Apocalipse 1:17-18).

Se você fosse obrigado a acreditar em sua própria fé, a avaliar sua qualidade, e a saber que você nasceu de novo antes de poder confiar em Jesus ou ter paz, você certamente precisaria estar satisfeito com sua própria fé. Mas você não é obrigado a comprovar qualquer reivindicação pessoal, exceto que você é um pecador. Não que você se sinta um pecador (isso abriria uma interminável investigação metafísica sobre seus próprios sentimentos), mas simplesmente que você é um pecador. Isso você sabe pela autoridade de Deus, e aprende a partir de Sua Palavra; e com base nisso você age, quer sinta sua pecaminosidade ou não. O evangelho não requer que se constate nada sobre nós mesmos, a não ser o que está escrito na Bíblia, e o que é comum a todos os filhos de Adão — que precisamos de um Salvador. É com base nessa necessidade que a fé age; é essa necessidade que a fé apresenta ao Trono da Graça. A questão, então, não é se estou satisfeito com a minha fé? Mas, sou eu um pecador necessitado, e estou satisfeito que em Cristo há tudo o que eu preciso?

Você diz: “Eu não estou satisfeito com meu amor.” O que! Você esperava estar? É o seu amor por Cristo ou o amor Dele por você que deve trazer paz? O amor gratuito de Deus aos pecadores, como tais, é o nosso lugar de descanso. Há dois tipos de amor em Deus—Seu amor de compaixão pelo pecador incrédulo e Seu amor de deleite e complacência por Seus filhos crentes. O amor de um pai por um filho pródigo é tão sincero quanto o seu amor pelo filho obediente e amoroso em casa, embora seja de um tipo diferente. Deus não pode amá-lo como um crente até que você seja um. Mas Ele o ama como um pobre pecador. E é esse amor Dele pelos que não amam e não são amáveis que proporciona ao pecador seu primeiro lugar de descanso. Esse amor gratuito de Deus o atrai e o satisfaz. “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou” (1 João 4:10). “Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16).

“Eu não estou satisfeito com o meu arrependimento”, você diz. Isso é bom. O que você

teria pensado de si mesmo se estivesse? Que orgulho e autossuficiência indicariam se você dissesse: "Estou satisfeito com o meu arrependimento; ele é da qualidade e quantidade adequadas"? Se estivesse satisfeito com ele, o que faria com isso? Fundaria sua paz nisso? Acalmariam sua consciência com isso? Iria com ele, em vez do sangue, a um Deus santo? Se não, o que você quer dizer com o desejo de estar satisfeito com o arrependimento antes de ter paz com Deus?

Em suma, você não está satisfeito com nenhum de seus sentimentos religiosos, e é bom que não esteja; pois, se estivesse, você teria uma ideia muito elevada de si mesmo e uma ideia muito baixa do que tanto a Lei quanto o evangelho esperam de você. Você, sem dúvida, está certo em não estar satisfeito com o estado de seus sentimentos, mas o que isso tem a ver com o grande dever de crer imediatamente no Filho de Deus? Se o evangelho não significa nada para você até que seus sentimentos estejam todos ajustados, então não é evangelho para o pecador de forma alguma. Mas essa é sua especial adequação e glória, que ele o alcança exatamente no ponto em que você está neste momento e traz boas novas, apesar de seus sentimentos estarem completamente errados.

2 | SATISFAÇÃO EM CRISTO SOMENTE

Todas essas dificuldades que você enfrenta têm sua raiz na autoestima de nossa natureza, que nos faz recusar a nos considerar totalmente pecadores e que nos impede de ir a Deus, exceto com alguma recomendação pessoal para tornar a aceitação mais provável. A falta total de bondade é algo que somos lentos em reconhecer. Abandone essas tentativas de se satisfazer em qualquer coisa, grande ou pequena, seja fé, sentimento ou ação. O trabalho do Espírito Santo em convencer você do pecado é para que você fique insatisfeito consigo mesmo; e você vai seguir um caminho que só pode afastá-Lo? Deus nunca pode estar satisfeito com você por causa de qualquer bondade em você; e por que você tentaria se satisfazer com algo que não satisfaz a Ele?

Há apenas uma coisa com a qual Deus está completamente satisfeito: a Pessoa e a obra de Seu Filho unigênito. É com Ele que Deus deseja que você esteja satisfeito, e não consigo mesmo. Quão melhor seria seguir o caminho de Deus de imediato e estar satisfeito com Cristo? Então, o perdão e a paz seriam concedidos sem demora. Assim, o favor de Deus repousaria sobre você. Pois Deus declarou que quem estiver satisfeito com Cristo encontrará favor com Ele. Seu desejo é que você venha a estar em plena comunhão com Ele nesta grande questão. Ele não pede nada de você, a não ser isso. Mas, sem isso, Ele não ficará contente, nem o aceitará de outra forma, senão como alguém que está satisfeito com Cristo e com o que Cristo fez.

Certamente tudo isso é simples o suficiente. Não corresponde exatamente à sua situação? A satisfação consigo mesmo, mesmo que pudesse alcançá-la, não lhe traria benefício algum. A satisfação em Cristo faria tudo por você, pois Cristo é tudo. "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:17). Agrade-se dAquele em quem o Pai se agrada, e tudo estará bem.

Suspeito que algumas dessas suas dificuldades surgem da ideia secreta de que o evangelho é apenas uma espécie de lei modificada, que ao cumprir você será salvo. Você sabe que a antiga Lei está muito além do seu alcance, e que ela condena, mas não pode salvá-lo. Mas talvez você pense que Cristo veio para tornar a Lei mais fácil, para diminuir suas exigências, para torná-la (como alguns dizem) uma lei evangélica, com termos mais brandos, adaptados à fraqueza do pecador. Um momento de reflexão lhe mostrará que isso é blasfêmia. Pois isso significaria que a antiga Lei era muito rígida; ou seja, que não era "santa, justa e boa" (Romanos 7:12). Isso também nega as palavras de Cristo, que Ele veio não para "destruir, mas para cumprir" a Lei (Mateus 5:17). Deus tem apenas uma Lei, e ela é perfeita; sua essência é o amor a Deus e ao próximo. Uma lei mais branda significaria uma lei imperfeita, uma lei que tornaria a única Lei de Deus desnecessária, uma lei que tolera o pecado. Será que a obediência a uma lei imperfeita salvará um transgressor da Lei perfeita? Mas a fé não anula a Lei; ela a estabelece (Romanos 3:31).

É por uma Lei perfeita que somos salvos; caso contrário, seria uma salvação impura. É por uma Lei perfeita, cumprida em cada jota e til, que somos salvos; caso contrário, seria uma salvação injusta. O Filho de Deus cumpriu a Lei por nós; Ele a engrandeceu e a fez honrável; e, assim, temos uma salvação santa e justa. Embora Ele esteja acima da Lei em Si mesmo, foi feito

“sob a lei” (Gálatas 4:4) por nós; e pelo cumprimento vicário da Lei por Sua vida sem mácula, bem como pela resistência até a morte das terríveis penalidades dessa Lei, somos redimidos da maldição da Lei.

“Cristo é o fim [o cumprimento e exaustão] da lei para a justiça de todo aquele que crê” (Romanos 10:4). Pois Cristo não é um ajudador, mas um Salvador. Ele não veio para nos capacitar a salvar a nós mesmos ao cumprir uma lei atenuada, mas para cumprir a Lei não atenuada em nosso lugar, de modo que a Lei não tenha nenhuma reivindicação de penalidade sobre qualquer pecador que consinta em estar em dívida com o cumprimento e a exaltação da Lei na vida e morte do Fiador divino.

Outras dificuldades surgem ao confundir a obra do Espírito em nós com a de Cristo por nós. Essas obras devem ser mantidas distintas, pois a mistura delas subverte ambas. Cuidado para não negligenciar nenhuma delas ou mantê-las distantes uma da outra. Embora distintas, elas andam de mãos dadas, inseparavelmente ligadas, mas cada uma com seu próprio lugar e função. Seu remédio e seu médico não são a mesma coisa, mas eles andam juntos. Cristo é o seu Remédio; o Espírito é o seu Médico. Não trate as duas obras como se fossem uma só obra composta, nem construa sua paz sobre algum evangelho místico feito de uma mistura das duas. Realize ambas, o externo e o interno, o objetivo e o subjetivo: Cristo por nós, o Espírito Santo em nós.

Assim como no princípio, até o fim, essa distinção deve ser observada, para que, tendo encontrado paz na fé, você não a perca por não manter firme até o fim o início da sua confiança. “Quando começo a duvidar”, escreve alguém, “eu acalmo minhas dúvidas voltando ao lugar onde elas foram acalmadas pela primeira vez. Eu vou e encontro paz novamente onde a encontrei no início. Não me sento melancolicamente para refletir sobre minha fé ou incredulidade, mas sobre a obra concluída de Emanuel. Não tento somar minhas experiências para provar que uma vez fui um crente, mas creio novamente como antes. Não examino as evidências da obra do Espírito em mim, mas penso nas evidências seguras que tenho da obra de Cristo por mim em Sua morte, sepultamento e ressurreição. Esta é a restauração da minha paz. Eu havia começado a olhar para outros objetos; agora sou chamado de volta dos meus desvios para olhar somente para Jesus.”

A verdadeira fé pode ser chamada de incolor, como o ar ou a água. Ela é apenas o meio pelo qual a alma vê Cristo; e a alma repousa sobre ela e a contempla tão pouco quanto o olho pode ver o ar. Quando os homens, então, estão determinados a segurá-la, por assim dizer, em suas mãos, curiosamente inspecionando, analisando e, assim, almejando-a, são obrigados a colorir e espessá-la, para que possa ser vista e tocada. Ou seja, eles a substituem por algo, um sentimento, noção, sentimento, convicção, um ato de razão, sobre os quais podem se debruçar e admirar. Eles buscam mais por experiências dentro deles do que por Aquele que está fora deles. Agora, homens que são movidos por notícias, boas ou ruins, ou por visões belas ou temíveis, admiram, rejubilam-se, choram ou sentem dor, mas são movidos espontaneamente, não com uma consciência direta de sua emoção. Assim é com a fé e outras graças cristãs. Observadores externos veem nossas mentes, mas nossas mentes, se saudáveis, veem apenas os objetos que as possuem.

Algumas das suas dificuldades parecem surgir da confusão entre o natural e o sobrenatural. Agora, a coisa maravilhosa na conversão é que, embora tudo seja sobrenatural (sendo obra do Espírito Santo), tudo também é natural. Talvez você esteja esperando alguma descida milagrosa do poder celestial e do brilho em sua alma, algo separado da verdade divina e do trabalho das faculdades mentais do homem. Você tem esperado que a fé desça como um anjo do céu em sua alma e que a esperança se acenda, como uma nova estrela em seu firmamento. Não é assim. A obra do Espírito está além da natureza, mas não é contra a natureza. Ele não desloca nenhuma faculdade; Ele não perturba nenhum processo mental. Ele não violenta nenhuma parte da nossa estrutura moral. Ele não cria um novo órgão de pensamento ou sentimento. Sua função é "colocar tudo em ordem" dentro de você, de modo que você nunca se sinta tão calmo, tão verdadeiro, tão real, tão perfeitamente natural, tão você mesmo—como quando Ele tomou posse de você em cada parte e encheu todo o seu ser com a Sua alegria celestial. Nunca você se sente tão perfeitamente livre—menos constrangido e menos mecânico—em todas as suas faculdades, como quando Ele trouxe "todo pensamento cativo à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:5). A vida celestial transmitida é liberdade e paz; é a remoção da escravidão, das trevas e da dor. Longe de ser uma restrição mecânica, é a remoção da corrente de ferro com a qual a culpa nos havia amarrado. Atua como um exército de libertação em um país oprimido, como o sopro quente da primavera na árvore presa pelo gelo. Pois a entrada da verdadeira vida, ou da verdade viva, na alma do homem deve ser liberdade, não escravidão. "A verdade vos libertará" (João 8:32).

Outras dificuldades surgem de ideias confusas quanto à ordem adequada da verdade. A verdade deslocada é, às vezes, mais prejudicial do que o erro real. Em nossas declarações doutrinárias, devemos considerar a ordem das coisas de Deus, assim como as coisas em si mesmas. Se você quer resolver a questão mais simples de aritmética, os números não apenas devem ser os corretos, mas devem ser colocados na ordem correta. Assim é com as doutrinas da Palavra de Deus. Alguns parecem lançá-las em pares mal-assortados, ou em montes confusos, como se pouco importasse ao ouvinte ou leitor qual ordem fosse mantida, desde que certas verdades fossem claramente anunciadas. Muita angústia para a pessoa ansiosa tem surgido dessa confusão imprudente. Um evangelho em que a eleição é colocada em primeiro lugar não é o evangelho dos apóstolos; embora, certamente, um evangelho em que a eleição é negada seja ainda menos o evangelho apostólico. O verdadeiro evangelho não é nem que Cristo morreu pelos eleitos, nem que Ele morreu por todo o mundo; pois a excelência do evangelho não está em seu anúncio dos números a serem salvos, mas em sua proclamação da grande propiciação em si. Alguns que supostamente estão mantendo "o modelo das sãs palavras" (2 Timóteo 1:13) nos apresentam uma mera desarticulação do evangelho; as diferentes verdades estão tão embaralhadas que, embora possam estar todas lá, elas não produzem nenhum resultado. Elas se neutralizam tanto que impedem o pecador de extrair delas as boas novas que, quando corretamente organizadas, elas certamente contêm. Se os versículos da Epístola aos Romanos fossem transpostos ou embaralhados, seria a Epístola aos Romanos, embora cada palavra estivesse lá? Assim, se ao ensinar o evangelho, não começarmos pelo princípio—se, por exemplo, dissermos ao pecador o que ele tem de fazer, antes de lhe dizer o que Deus fez; se lhe

dissermos para examinar seu próprio coração antes de lhe dizer para estudar a Cruz de Cristo—
tiramos toda a alegria das boas novas e pregamos "outro evangelho" (Gálatas 1:6).

3 | NÃO A LEI, MAS O EVANGELHO

Não é verdade que muitas vezes estudamos a Bíblia como se fosse um livro de lei, e não a revelação da graça? Cobremos-a com uma nuvem e a lemos como um volume escrito por um mestre severo. Um tom áspero é assim impresso em suas palavras, e o elemento legal obscurece o evangelho. Somos lentos para lê-la como uma revelação do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como o livro da graça, especialmente escrito para nós pelo Espírito da graça. A Lei, sem dúvida, está nela, mas a Bíblia não é Lei, e sim evangelho. Assim como o Monte Sinai ergue sua cabeça, uma massa isolada de duro granito vermelho, entre mil montanhas do deserto de material mais macio e menos severo, a Lei se destaca na Bíblia—uma parte necessária dela—mas não é a característica dela; “adicionada por causa das transgressões, até que viesse a semente” (Gálatas 3:19). Contudo, não têm nossos corações suspeitos escurecido este Livro de luz? Não o lemos muitas vezes como a proclamação de um comando a cumprir, em vez de uma declaração do que o amor de Deus fez?

Ao ir a Deus inicialmente, devemos assumir Sua disposição ou Sua falta de disposição para abençoar? A maioria parece fazer o último. Defendem-se, dizendo que se soubessem que estavam convertidos, assumiriam Sua disposição, mas por não terem certeza disso, não se atrevem a fazê-lo! Como se o evangelho não fosse a revelação de Sua disposição para receber pecadores como tais!

Que estranho! Acreditamos na disposição de Satanás para tentar e ferir, mas não na disposição de Deus para livrar e salvar! Nos entregamos ao nosso grande inimigo quando ele nos seduz ao pecado e nos afasta de Cristo e do céu; mas não nos entregamos ao nosso mais verdadeiro Amigo quando Ele nos atrai com laços de amor! Não damos a Deus o crédito por falar a verdade quando Ele fala com ternura e expressa sobre o pecador os anseios de Sua misericórdia insondável. Ouvimos como se Suas palavras fossem vazias; como se Ele não quisesse dizer o que diz; como se Suas mensagens de graça, em vez de serem as mais sinceras que já caíram sobre os ouvidos humanos, fossem meras palavras ditas por cortesia.

Não há nada na Bíblia que afaste o pecador, e ainda assim o pecador não vem! Há tudo para atrair e conquistar; ainda assim, o pecador se mantém distante! Cristo recebe pecadores; no entanto, o pecador se desvia! Ele anseia por eles, chora por eles, como sobre Jerusalém; mas o pecador permanece impassível! A compaixão celestial é ineficaz; a paciência infinita não toca o coração de pedra, e as lágrimas divinas são desprezadas. O Filho de Deus estende Suas mãos o dia todo, mas as mãos estendidas são ignoradas. Tudo parece em vão para prender o distraído e reconquistar o errante.

Óh! A quantidade de amor divino que foi despendida sobre este mundo triste, que foi direcionada aos necessitados filhos dos homens! Às vezes, quase duvidamos se é verdade ou possível que Deus derrame tal amor sobre um mundo assim. Mas a Cruz é o precioso memorial desse amor, e essa afirmação permanece imutável: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16). Às vezes também dizemos, qual é o sentido de desperdiçar tal amor? Não é a seriedade de Deus desproporcional à pequenez de seu objeto — o

homem? Seria assim se esta vida fosse tudo; se não houvesse eternidade, céu, inferno, alegria sem fim e sofrimento eterno. Mas com um destino como o do homem — com uma eternidade como a que o aguarda — pode algum grau de seriedade ser grande demais? Pode o amor ou a piedade ultrapassar seus limites? Pode a alegria ou a tristeza por um pecador salvo ou perdido ser exagerada?

Aquele cuja mente infinita sabe o que é o céu sabe o que sua perda deve significar para um ser imortal. Pode Ele estar preocupado demais com sua conquista? Aquele cuja visão abrangente conhece o que é o inferno, em toda sua angústia sem fim, vê à distância e penetra os horrores da alma perdida, seu choro e lamentação e ranger de dentes para sempre e sempre; seu terrível senso de condenação e desamparo absoluto — seu arrependimento cortante, seu arrependimento tardio, seus suspiros desesperados, suas amargas memórias das horas ensolaradas da Terra, com todas as mil tristezas que compõem o total de uma eternidade perdida! Pode Ele então ter piedade demais? Pode Ele anseiar demais pelas almas que estão desesperadamente inclinadas a se lançarem em um destino como esse? Pode Ele usar palavras muito fortes ou muito afetuosas ao adverti-las contra tamanha escuridão, tal demônio e tal inferno; ao suplicar-lhes que assegurem um céu como o Seu?

Na mente de alguns, prevalece a ideia de que o pecado extingue a compaixão pelo pecador no coração de Deus. Não é assim. Que isso venha a acontecer futuramente, e que Deus cesse de ter piedade dos perdidos, é uma verdade terrível. A eternidade da alma perdida será uma eternidade sem compaixão e de aflição. Mas, enquanto isso, o ódio de Deus pelo pecado não é ódio pelo pecador. Ao contrário, a grandeza do pecado parece aprofundar, e não diminuir, a compaixão divina. Ao menos podemos dizer que o sofrimento crescente que o pecado crescente acarreta desperta com nova intensidade a piedade paternal do "Deus dos espíritos de toda carne" (Números 16:22). Isso o entristece em Seu coração (Gênesis 6:6). Quanto mais o pródigo se afasta para a terra distante, mais os anseios do coração do Pai vão em direção a ele, com uma compaixão genuína pelo desventurado errante, em sua fome, nudez, degradação e dor sem esperança.

Não, o pecado não extingue o amor piedoso de Deus. As palavras mais gentis já dirigidas a Israel foram no auge de sua apostasia. O convite mais gracioso já feito pelo Senhor foi a Cafarnaum, e Betsaida, e Corazim, "Vinde a mim" (Mateus 11:28). A mensagem mais amorosa já enviada a uma Igreja foi à Laodiceia, a pior de todas as sete, "Eis que estou à porta, e bato" (Apocalipse 3:20). Foi Jerusalém, em sua extrema culpa e incredulidade, que fez brotar as lágrimas do Filho de Deus. Não, o pecado não extingue o amor de Deus pelo pecador. Muitas águas não podem apagá-lo, nem os rios afogá-lo. Desde o princípio até o fim, Deus persegue o pecador enquanto ele foge Dele; persegue-o não em ódio, mas em amor; persegue-o não para destruir, mas para salvar.

Deus não é homem para que minta. Ele quer dizer o que diz quando fala em piedade, assim como quando fala em ira. Suas palavras não são, como as do homem, expressões aleatórias ou declarações de sentimentos vagos ou representações exageradas de emoções. Suas palavras são todas verdadeiras e reais. Você não pode exagerar o sentimento genuíno que elas contêm; e entender essas palavras como figuras é não apenas convertê-las em irreais, mas tratá-las como

falsidades. Que os pecadores recebam as palavras de Deus como são: as genuínas expressões da mente daquele Ser infinitamente verdadeiro, que usa apenas palavras de "verdade e sobriedade" (Atos 26:25).

Ele é soberano; mas essa soberania não está em conflito com a graça, nem leva à insinceridade na fala, como alguns parecem pensar. Se conseguimos ou não reconciliar a soberania com a piedade, não importa. Acreditamos em ambas, porque ambas são reveladas. E não devemos recorrer a uma explicação das palavras de piedade que implicaria que não foram sinceramente faladas, e que se um pecador as tomasse de forma demasiado literal e simples, ficaria profundamente desapontado, descobrindo que, no final, eram exageros ilusórios, se não ar vazio.

Quando Cristo estava na Terra, Ele recebeu, abençoou e curou todos que vieram a Ele. A soberania divina não impediu o amor divino, nem o amor interferiu na soberania. Cada um tinha seu próprio lugar. Não houve conflito entre eles. Cristo falou verdadeiramente quando disse, "Ninguém pode vir a mim, se o Pai...não o trouxer" (João 6:44); e falou com igual verdade quando disse, "Aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (v. 37).

Vamos aprender a tratar Deus não apenas como o mais santo, mas como o mais verdadeiro de todos os seres. Que o pecador desatento ouça as Suas advertências verdadeiras e tema, pois todas se cumprirão. Que o pecador ansioso ouça as Suas palavras verdadeiras de graça e encontre paz. Precisamos ser lembrados disso. Pois há em muitas mentes um sentimento de triste suspeita quanto à sinceridade das declarações divinas e uma tendência a evitar o seu significado honesto, mesmo entre aqueles que não parecem ter tal desconfiança. Vamos fazer justiça à veracidade de Deus.

"Deus é amor" (1 João 4:16). Sim, Deus é amor. Pode um Deus assim ser suspeito de insinceridade nas declarações de Sua longanimidade, em Suas palavras de compaixão ansiosa para com os homens mais rebeldes e impenitentes? Que exista algo como a justiça; que exista um lugar como o inferno; que existam seres como anjos perdidos e homens perdidos, sabemos que são certezas terríveis. Mas, por mais terrível e verdadeiro que sejam essas coisas, elas não podem lançar a menor dúvida sobre a sinceridade do grande juramento que Deus fez diante do céu e da terra, de que Ele "não tem prazer na morte do ímpio" (Ezequiel 33:11), nem atenuar em nada a solenidade de Sua solicitação graciosa: "Convertam-se, convertam-se... por que haveriam de morrer?"



A Editora FIDEbooks tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus. Nós disponibilizamos centenas de recursos gratuitos através de nossas redes sociais e e-books que podem ser adquiridos na Amazon. Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Caso queiram nos abençoar, compre nossos livros na Amazon. Serão abençoados com muito aprendizado. Basta clicar no link abaixo. Deus te abençoe!

SOLI DEO GLORIA

[CLIQUE AQUI E SEJA REDIRECIONADO A NOSSA LOJA NA AMAZON.](#)